



<https://doi.org/10.51880/ho.v29i1.1658>



História Oral e conflito religioso: memórias da fundação da Assembleia de Deus (com) Unção de Davi em Juçateua-Marapanim (PA)

Luís Rodolfo da Silva Moura*

ORCID iD 0000-0001-5719-2590

Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil

Resumo: O presente artigo busca apresentar a história da fundação da igreja pentecostal Assembleia de Deus Ministério Unção de Davi, localizada na vila de Juçateua, no município de Marapanim, região nordeste do Pará. Inaugurada em meados da segunda metade da década de 90 do século XX, a instituição enfrentou grandes conflitos diante das hostilidades e da intolerância religiosa de alguns moradores locais, fato comum no interior paraense naquele período. Para a construção desta abordagem historiográfica, utilizou-se a metodologia da História Oral, tendo como base de análise as memórias de antigos residentes da vila e de membros da congregação que vivenciaram o período de fundação. Portanto, a oralidade, enquanto fonte histórica, torna-se indispensável para este estudo temático, que aponta a forte resistência do hegemônico catolicismo do povoado diante da chegada da expressão religiosa pentecostal.

Palavras-chave: História Oral; oralidade; Assembleia de Deus; catolicismo; pentecostalismo; intolerância religiosa.

Oral History and religious conflict: memories of the founding of the Assembly of God (with) David's Anointing in Juçateua-Marapanim (PA)

Abstract: This paper aims to present the history of the foundation of the Pentecostal church Assembly of God Unção de Davi Ministry, located in the village of Juçateua, in the municipality of Marapanim, in the northeastern region of the state of Pará, Brazil. Founded in the second half of the 1990s, the institution faced significant conflicts due to the hostility and religious intolerance of some local residents, a common occurrence in the interior of Pará during that period. To develop this historiographical approach, the Oral History methodology was employed, based on the memories of former village residents and members of the congregation who experienced the founding period. Therefore, orality, as a historical source, becomes indispensable to this thematic study, which highlights the strong resistance of the village's hegemonic Catholicism to the arrival of Pentecostal religious expression.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA), com orientação do Dr. Manoel Ribeiro de Moraes Júnior. E-mail: roldolfomoura2005@yahoo.com.br.

Keywords: Oral History; orality; Assembly of God; catholicism; pentecostalism; religious Intolerance.

Introdução

Esse artigo propõe discorrer sobre a história de fundação da pequena igreja da Assembleia de Deus Ministério União de Davi, estabelecida na vila de Juçateua, estado do Pará, sublinhando o contexto de conflito com o catolicismo local por parte de alguns radicais.

O pequeno vilarejo marapaniense é atualmente composto por um pouco mais de 350 habitantes e, segundo a tradição oral, teve sua origem na segunda metade do século XIX, contexto também da fundação do município de Marapanim, marcado pela forte presença do catolicismo, o que nos faz compreender a razão da forte cultura religiosa católica da vila.

Esse período foi marcado pela aproximação do Império do pensamento modernizador, no qual a ideia de progresso e a expansão da economia-mundo abriram espaço para as imigrações norte-americanas e europeias. Tal processo propiciou a introdução de hábitos religiosos na Amazônia que destoavam da hegemonia católica. Em consequência, a Igreja Católica empreendeu uma forte reação a essas novas influências políticas e religiosas, com destaque para o combate à concorrência protestante.¹ Tais divergências submeteram a província do Pará a um cenário de intolerância religiosa, somado ao embate entre forças conservadoras e republicanas, bem como às tensões na relação entre Igreja e Estado. Essa conjuntura encorajou o desenvolvimento de missões protestantes na região, mesmo sob a hostilidade do catolicismo. Em âmbito nacional,

1 Para quem não está habituado com essa temática, é bom que se ressalte a diferença entre o pentecostalismo e o protestantismo. A distinção fundamental reside no fato de o pentecostalismo constituir uma vertente específica do protestantismo. Por conseguinte, embora a maioria dos pentecostais se considerem como protestante, nem todo protestante é, necessariamente, pentecostal.

ocorreu a “Questão Religiosa”² e, localmente, a “Questão Nazarena”,³ contextos em que bispos romanizadores ou ultramontanos, como Dom José Afonso e Dom Macedo Costa, tornaram-se personalidades destacadas na defesa da autoridade absoluta e centralizada do Papa, seja em assuntos de ordem espiritual ou política (Neves, 2021; Pantoja, 2011, 2012; Souza, 2020). Sublinhar esse período auxilia na compreensão da forte cultura de intolerância entre católicos e protestantes que se estendeu ao longo do século seguinte no estado. Trabalhos que abordam o conflito religioso entre católicos e evangélicos no Pará, no século XX (Boyer, 2016, 2021; Gama, 2015, 2022,) permitem perceber como essa dinâmica conflituosa se ampliou. Portanto, o enfrentamento do catolicismo da vila diante da implantação de uma nova igreja de alinhamento protestante sugere um reflexo da histórica disputa pelo monopólio dos bens simbólicos do campo religioso (Bourdieu, 1999) – neste caso, do campo religioso da vila Juçateua.

Faz-se necessário destacar que, em certa medida, posso ser afetado na abordagem da história dessa pequena congregação pentecostal. Primeiramente, Juçateua é a vila onde viveram meus avós maternos, um casal composto de curuçaense e marapaniense. Por isso, esse é o local onde reiteradamente eu desfrutava dos belos momentos que as férias escolares proporcionavam a uma criança de cultura cidadina diante da fascinante cultura do interior. Ali conheci histórias, encantarias, religiosidade, modos de vidas, paisagens exuberantes, dentre outras coisas que me asseguram forte solidez de laços afetivos para com aquele povoado. Acrescento que aos 8 anos de idade fui batizado na igreja católica de Juçateua e com essa idade ficou fácil trazer essa celebração na memória, por exemplo. O segundo destaque é que o pentecostalismo assembleiano foi a cultura religiosa dos meus avós paternos, religiosidade que tive aproximação na adolescência. Nesse sentido, em busca de uma melhor análise crítica, reconheço que este tema se torna caro para mim.

Além disso, o desafio se faz ainda maior pela temática delicada da violência, razão pela qual alguns entrevistados optaram pelo anonimato. Assim, em alguns casos

2 Em resumo, a “Questão Religiosa” segundo Vanda Pantoja, (2011, p. 41): “constituiu-se numa série de conflitos ocorridos no período de 1872 a 1875 entre o clero, especialmente sua ala conservadora, e o Império. A razão para o conflito era a não aceitação pelos bispos de maçons na gerência das irmandades religiosas. Pode-se dizer que o estopim para o conflito foi a interdição de padres ligados a maçonaria no Rio de Janeiro, Olinda e Pará por seus respectivos bispos. Dom Pedro Maria de Lacerda no Rio de Janeiro, Dom Vital de Oliveira em Olinda e Dom Antonio de Macedo Costa no Pará. O governo imperial leu as proibições como desobediência à sua autoridade levando os bispos a responderem processos por interdições dos padres e fechamento de irmandades. Em 1874 foi decretada a prisão de D. Vital e D. Macedo Costa. No ano seguinte, Duque de Caxias, a frente do Gabinete concedeu anistia aos bispos”.

3 A “Questão Nazarena” (1877-1880) foi um conflito político-religioso no Pará entre a autoridade da Igreja Católica e a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, composta por membros da maçonaria. Vale destacar que a maçonaria teve papel importante no apoio à divulgação do pensamento protestante por meio de periódicos da época, comandados por liberais como Tito Franco. Essa aliança buscava confrontar a concepção ultramontana de Dom Macedo Costa, bispo que condenava não apenas a maçonaria, mas também o protestantismo, classificando-o como “o germe da morte que traria dissolução de nossa unidade política e religiosa” (Tavares, 2019, p. 136).

procurei identificá-los, com seus consentimentos, a partir de pseudônimos. Reconheço a problematização do anonimato nas pesquisas em ciências humanas, mas foi necessário para a preservação e respeito aos entrevistados.

No primeiro momento da abordagem, vi necessária a contextualização do processo histórico a fim de situarmos a forte herança da cultura religiosa católica da região, buscando apresentar, assim, elementos que justificassem o predomínio do catolicismo na vila. Em seguida, a partir de algumas entrevistas realizadas em Juçateua, apresentei o contexto pré-inaugural da congregação assembleiana, assim como os depoimentos acerca dos enfrentamentos hostis de intolerância religiosa de alguns moradores.

A metodologia da História Oral aplicada neste estudo considerou a intersubjetividade entre entrevistados e pesquisador (David, 2023). Ao converter o depoimento oral em escrita, explorou-se intensamente as técnicas de diálogo no campo de pesquisa, buscando estabelecer através das narrativas daqueles que presenciaram os acontecimentos ou possuem versões sobre o tema. Portanto, a modalidade empregada desenvolveu-se sob a forma de História Oral temática, que possibilitou analisar o que foi lembrado pelo narrador/entrevistado (Araújo; Santos, 2007), como será apresentado a seguir.

Assembleia de Deus Ministério Unção de Davi

Sem qualquer pretensão de adentrar na seara teológica, entendo ser necessário destacar que, segundo a tradição bíblica, a “unção de Davi” é um tipo de consagração que agrega vários significados, dentre eles, a do chamado divino. Nesse sentido, sob a interpretação da narrativa bíblica (Bíblia, 1969, I Samuel 16) acerca do referido personagem, em uma perspectiva de compreensão pentecostal como de muitos assembleianos, essa tradição acaba aludindo ao duro desafio que o poder divino confia a um escolhido, sendo assim, em um contexto de improvável seleção, Davi, um desses escolhidos, iniciaria uma longa jornada de luta, após atender ao chamado de Deus em um contexto de difícil aprovação de seus irmãos.

Logo, é diante dessa figuração que inicio minha abordagem sobre a história da “Assembleia de Deus Ministério Unção de Davi”,⁴ localizada na região do salgado marapaniense, precisamente na vila de Juçateua, um pequeno povoado situado na zona fronteira dos municípios de Marapanim e Curuçá. Em certa medida, o nome da congregação nos dá pistas de como foi a fase inicial da história dessa pequena

4 Segundo a depoente Natyara Braga (2025), a referida congregação antes do vínculo em 2017 com o Ministério Unção de Davi, foi vinculada à Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará (COMIEADEPA), tendo como um dos principais fundadores da congregação o casal de anciões Maria Natividade, conhecida como irmã Natí, e Osvaldo Rabelo, mais conhecido na vila como seu Lalí, pais da irmã Marizete.

congregação, visto que em seus primeiros anos foi marcada por grandes embates frente às forças das religiosidades locais, sobretudo do combativo catolicismo que a vila marapaniense sempre contou.

Para contribuir com a compreensão do conflito, convém destacar a forte herança religiosa colonial que a região apresenta, pois a origem do município de Marapanim, bem como de Curuçá, está diretamente vinculada à presença do dinamismo católico que as ordens missionárias jesuítas desenvolveram ao longo de alguns séculos. A historiadora Lourdes Gonçalves Furtado (1978), em sua pesquisa sobre os “aspectos históricos e econômicos de Marapanim”, afirma que a origem do município de Marapanim remonta à segunda metade do século XVII, quando os jesuítas construíram a fazenda conhecida como “Bom Intento”, ainda na jurisdição da Vila Cintra, que atualmente é o município de Maracanã. A tradição oral afirma que essa fazenda da Companhia de Jesus localizava-se às margens do rio Marapanim, local conhecido como Arapijó, onde habitou o povoado mais antigo do município. Já a origem de Curuçá também tem ligação com uma antiga fazenda de missão jesuítica do século XVII, denominada Curuçá (Canindé, 2018).

Diante do exposto, mesmo com as políticas pombalinas de expulsão das ordens missionárias jesuítas, e de tantos outros posteriores eventos históricos de conflitos religiosos, sobretudo entre protestantes e católicos em solo paraense, como lembrado anteriormente, o catolicismo não deixou de crescer na região, consolidando sua hegemonia até os dias atuais, como constatou o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022: mesmo com o avanço do número de evangélicos de Marapanim⁵ e de Curuçá⁶, católicos somam mais do que o dobro dos evangélicos nos seus respectivos municípios.

É no contexto do resistente catolicismo dos últimos anos do século XX que se dá início à fundação da primeira igreja pentecostal da vila de Juçateua. Mas antes, as primeiras famílias evangélicas da vila, em busca de um templo para manifestar seu culto, deslocavam-se para outras vilas “próximas”, como a vila curuçense do Valentim, cerca de 3km de distância. Enfrentar longos ramais não era nada simples, mas fazia parte do sacrifício que a dedicação religiosa desses primeiros evangélicos sustentava, garante um dos membros dessas primeiras famílias, em entrevista (Antônio Rabelo Silva, 2025).

Essas e outras informações foram obtidas mediante entrevistas em campo realizadas com alguns moradores da vila, incluindo, essencialmente, antigos membros da congregação. Nesse contexto, alguns entrevistados optaram pelo anonimato; em outros casos, a decisão partiu de mim, por julgar mais prudente. No entanto, os dois personagens principais sentiram-se confortáveis e autorizaram sua identificação, o

5 Dados do *site* do IBGE. Disponível em: <https://cidadesibge.gov.br/brasil/pa/marapanim/pesquisa/10105/292691>. Acesso em: 15 abr. 2026.

6 Dados do *site* do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/curuca/pesquisa/10105/291903>. Acesso em: 15 abr. 2026.

que não me eximiu de manter uma publicidade cautelosa. São eles: o irmão Antônio e a irmã Marizete, um simpático casal de idosos que integrou os primeiros grupos familiares responsáveis pela construção do templo. Ambos são pequenos agricultores nascidos em Juçateua e, além da agricultura, o irmão Antônio atuou na construção civil como pedreiro, sendo o responsável por essa função na edificação do templo.

Em uma manhã de sábado, fui recebido em sua singela casa para entrevistá-los. A conversa fluiu de forma tão agradável que confesso ter me perdido um pouco no tempo – o que, para o ofício de um pesquisador, não é o ideal, mas aconteceu.



Figura 1 – Foto da igreja Assembleia de Deus Ministério União de Davi.
Fonte: autor (31/11/2025).

A primeira fase dessa entrevista se deu com a ausência da irmã Marizete, que estava ocupada com o trabalho doméstico. Segundo seu marido, ela estava finalizando uma lavagem de roupa, mas seguimos com nossa descontraída conversa. O senhor Antônio falava com entusiasmo sobre quase tudo o que lhe era perguntado a respeito da história da fundação da igreja, quase tudo.

Tomamos como norte interpretativo a orientação do historiador Alessandro Portelli (2016) em sua pesquisa da História Oral como arte da escuta, quando pontua que a História Oral não se resume ao evento, mas diz respeito ao significado do evento na vida de quem narra, o que me fez não perder de vista a informação do “não dito”, pois Antônio claramente tentou, no início da entrevista, minimizar ao máximo os embates que aconteceram no povoado frente à tentativa da construção do templo, chegando ao ponto de dizer que somente uma vez os crentes tiveram problema com terceiros. Reforçou: “somente uma vez”, ao ser questionado sobre o que teria acontecido nessa única vez, foi objetivo: “era uma família que não aceitava nosso culto, mas hoje essa

família vive muito bem com a gente, somos amigos” (Antônio Rabelo da Silva, 2025). Pois bem, não quis insistir no ponto e o deixei à vontade para discorrer no que mais o deixava entusiasmado. Percebi que eram duas coisas, nesse primeiro momento da entrevista: os cultos antes da existência da congregação e a edificação do templo, pois como dito anteriormente foi ele o responsável pelos serviços de alvenaria, como bom pedreiro que foi.

Segundo o irmão Antônio, os cultos antes da inauguração do templo aconteciam, na maioria das vezes, de forma doméstica no lar das pouquíssimas famílias evangélicas existentes no povoado. Uma dessas famílias morava mata adentro, lugar chamado Paim, e o outro local de culto seria o que ele chamou de “sertão”, um espaço improvisado que reunia algumas famílias em uma barraca de palha, e isso sensibilizou o irmão Natalino quando conheceu o lugar em uma visita. Natalino foi um evangélico que morava em Belém e tinha ligação familiar com a região, especificamente o vilarejo de Tauaçu.⁷

Irmão Natalino, ao perceber a dificuldade que aquelas famílias passavam, propôs um desafio ao irmão Antônio: a construção de um templo para os crentes de Juçateua. No entanto, Natalino precisava de um terreno, que logo foi providenciado pela família de Antônio. Após se reunirem no espaço escolhido, oraram a Deus para que fosse aprovada a iniciativa de Natalino, já que na cosmovisão daqueles religiosos, o projeto nasceria do próprio Deus, consequentemente, dando início à resistência do catolicismo local.

Antônio relatou, de forma superficial, que algumas pessoas da vila tentaram convencê-lo a suspender o projeto de edificação do templo assembleiano. Essa tentativa continha um tom ameaçador, o que me remeteu à pesquisa de Véronique Boyer desenvolvida no interior do município de Bragança (PA), que assim como Marapanim integra a região do nordeste paraense. Nela, a autora apresenta, entre outros pontos, a hostilidade de uma comunidade católica contra membros da congregação evangélica local. A pesquisadora traz a seguinte análise:

Os testemunhos colhidos em diversas regiões da Amazônia mostram assim que as principais vítimas da ira dos católicos não são os missionários de passagem, mais antes de mais nada moradores do local, ligados aos outros habitantes por relações de parentesco. Que um deles se atreva a convidar um dirigente evangélico para celebrar um culto na frente da sua casa e a hostilidade geral se desencadeará contra ele. [...] A subordinação das diferentes facetas do pertencimento a uma só – religiosa – cria uma verdadeira alternativa: ser católico e seguir a lei ou ser evangélico e ficar fora dela (Boyer, 2016, p. 31).

Esse tipo de reprovação não foi diferente no contexto de Juçateua. Como eu não quis retomar o ponto que visivelmente o deixava desconfortável, deixei-o de lado temporariamente. No entanto, minutos depois, sua esposa chegou à sala e, ao contrário

7 Um pequeno vilarejo marapaniense da região.

do companheiro, Marizete afirmou de forma direta: “aqui muitos foram contra nós, sofremos vários tipos de violência” (Marizete (Marizete Rabelo da Silva, 2025). Notei, então, que a entrevista entrava em uma nova fase, agora com a participação ativa de Marizete e a evidente preocupação de Antônio, como veremos.

Relatos de conflitos

Como dito anteriormente, a proposição das entrevistas buscou, através das narrativas de antigos moradores da vila e os principais fundadores da congregação, conhecer a história da primeira igreja evangélica da vila de Juçateua, mas tendo como norteador um conhecimento prévio que pudesse naturalmente, não de forma extrema, conduzir o diálogo como bem recomenda Paul Thompson (1992), dentre essas informações, a violência na qual os primeiros evangélicos foram submetidos foi o que me chamou mais atenção.

Entretanto, como vimos, em um primeiro momento o irmão Antônio não estava à vontade em discorrer sobre esse tema, mas com a presença da irmã Marizete a entrevista ganhou uma outra direção, pois ela não viu problema algum relatar as agressões que sofreram com o projeto da edificação do templo assembleiano; de forma direta ela defende: “temos que contar a verdade do que aconteceu”. Antes da irmã Marizete prosseguir, o irmão Antônio manifestou a preocupação do que seria retratado sobre a história da igreja:

Irmão, aqui no Juçateua praticamente todo mundo é parente, eu briguei com muita gente na época, inclusive da minha família, muitos ficaram contra mim, imagina só, eles lerem coisas que já aconteceu há muito tempo, ficou no passado, tive que ir até a polícia e o delegado ameaçar jogar no presídio, não queria ter problema com isso, hoje vivemos todos em paz, graças a Deus (Antônio Rabelo da Silva, 2025).

Embora tivesse explicado antecipadamente que nada iria ser publicado que não fosse previamente avaliado e autorizado por eles, tive que esclarecer novamente os termos de publicação para assegurar a confiança e deixá-los confortáveis para discorrer sobre o tema, se assim quisessem. Após o esclarecimento, vários episódios foram narrados com amenidade tanto pela irmã Marizete quanto pelo irmão Antônio e selecionei alguns que coubessem nos limites deste artigo, bem como nos termos de responsabilidade ética de pesquisa, pois a violência que esses primeiros evangélicos sofreram foram acentuadas, o que me faz entender perfeitamente o receio do irmão Antônio, mas a segunda parte da entrevista acerca do tema da intolerância religiosa transcorreu agora com certa tranquilidade.

A construção da igreja, segundo seu Antônio (2025), ocorreu em novembro

de 1995⁸ e Marizete (2025) relatou que boa parte dos moradores da vila se voltaram contra a edificação do templo, ao ponto de alguns empreenderem violência física nos primeiros cultos domésticos de caráter pré-inaugural, vários membros sofreram diferenciados tipos de agressões: arremessos de pedras, frutas, ovos, em direção aos que se reuniam nos cultos, bem como violência corporal. Ela narra alguns dos seguintes infortúnios:

Sofremos de tudo; bateram na minha mãe, jogavam pedra na gente na rua, proibiram a gente de pegar água, sofremos de tudo, tudo, sofremos muito nesse lugar, Deus sabe disso. Tinham pessoas que vinham de outras vilas pra cá pelo Igarapé, quando eles voltavam a canoa estava no fundo cheio de lama (Marizete Rabelo da Silva).

Diante dessa fala, aproveitei a oportunidade para buscar entender um pouco desse clima beligerante instalado nesse contexto de hostilidade da inauguração da igreja. O irmão Antônio, já à vontade em discorrer sobre o tema, reforçou narrando um episódio em que foi abordado por alguns policiais na cidade de Marapanim, onde o aconselharam a ficar por um tempo na cidade, uma vez que os policiais tomaram conhecimento que algumas pessoas na vila planejavam agredi-lo. Sua resposta foi direta: “Como posso deixar de ir pra lá se eu moro lá?”.

Eles lembram de um caso em que o pastor foi agredido com uma pedra lançada em direção ao seu rosto, mesmo modo que uma irmã foi atingida nas pernas, tudo isso por estarem reunidos em um culto.

Aproveito para acrescentar dois trechos de depoimentos de duas outras entrevistas que realizei na vila: a primeira da irmã Débora Nascimento (2025)⁹ que assim como o irmão Antônio e a irmã Marizete, foi uma das primeiras integrantes da Assembleia de Deus da vila de Juçateua. Ela alegou que em meio à resistência por parte de alguns moradores da vila, alguns radicais, na tentativa de sabotar as reuniões, implantavam armadilhas na estrada, com madeiras e pregos, a fim de danificar os pneus de carros de evangélicos, do mesmo modo da viatura da polícia, com a intenção de que fossem impedidos de chegar até o destino do culto.

O segundo é o pescador e agricultor Paulo Damasceno (2025),¹⁰ um outro antigo morador de Juçateua. Em entrevista, lembra que uma das tentativas de sabotagem da construção da igreja foi a interrupção do fornecimento de água, mas também guarda na memória, apesar disso, o seguinte episódio: ocorreu que a bomba que abastecia a caixa-d'água da vila ficou danificada por algum tempo e o presidente da comunidade,

8 Sobre a data em questão, alguns depoentes, como Paulo Damasceno (2025), entraram em desacordo, alegando que a construção ocorreu em 1999.

9 Para conservar o anonimato desse entrevistado, optei pelo nome fictício.

10 Em respeito ao entrevistado optei pela preservação de sua identidade, Paulo Damasceno é um nome fictício.

perante várias negativas de ajuda do poder público e já sem muita opção, solicitou a intervenção do irmão Natalino – o mesmo que financiou a construção do templo –, que se prontificou no conserto da bomba. Paulo finalizou mencionando o ensinamento bíblico: “o mal não se paga com mal” e, no final, todos ficaram abastecidos com água.

Os dois trechos reforçam as narrativas do casal, Antônio e Marizete, que aos poucos foram abordando diversos outros casos da violenta oposição que sofreram, seja de ordem física, psicológica ou até mesmo espiritual. A irmã Marizete, bem como o irmão Antônio, não descartam o campo da magia como instrumento de conflito, narrando que a igreja sofreu trabalho de feitiçaria para que as pessoas abandonassem a igreja, ao que seu marido completou dizendo: “e eu, que morresse, mas Deus tá aqui” (Antônio Rabelo da Silva, 2025).

Esse clima de hostilidade não se resume à questão religiosa em si. Retomo como referência os estudo de Véronique Boyer para mostrar que a força da ordem política e social que o catolicismo desempenha nos interiores do Pará resulta nessas tensões:

A importância do catolicismo não se resume a um conjunto de crenças e de práticas rituais, sinceras e, com frequência, atraentes. As estruturas religiosas, organizando as relações sociais, instauram também uma ordem política que convém levar em consideração para compreender as tensões induzidas pela presença de evangélicos num povoado católico (Boyer, 2021, p. 62).

Há em jogo a busca pela manutenção da hegemonia do controle político e social no povoado, o que imprime o acirramento por parte dos dirigentes católicos. Destaco a fala do pescador Francisco Barbosa (2025),¹¹ um outro antigo morador católico, que presenciou algumas dessas ocorrências. Ele narra:

Naquela época achávamos que igreja dos crentes fosse algo do mal contra nossa igreja, como nossa vila sempre foi católica, alguém tinha que defender a igreja, então alguns encrencavam com eles, mas eu não achava certo, mas, hoje, já foi tudo resolvido e vivemos em paz e assim que tem que ser.

Esses enfrentamentos ao avanço das igrejas assembleianas estão presentes desde os primeiros anos do século XX. O historiador Rafael da Gama (2022, p. 115), em seu estudo acerca da origem e crescimento do pentecostalismo assembleiano no estado do Pará, destaca que:

Todo proselitismo praticado pelo movimento pentecostal tinha respaldo no corpo jurídico do regime republicano. Embora, ainda assim, a prática das leis que garantiam a liberdade de religiões e ideais acatólicos nem sempre protegeram o movimento de perseguições e impedimento de práticas de fé.

11 A pedido do entrevistado, preservarei o anonimato utilizando um nome fictício.

A título de exemplo do que foi sinalizado pelo historiador, posso destacar um dentre vários episódios de embate do catolicismo nos interiores paraenses frente à expansão assembleiana. Daniel Berg (1959, p. 48) narra em seu diário que um dos crentes daquele povoado, responsável pela sua hospedagem, foi brutalmente espancado por algumas pessoas em um ambiente escuro, o que dificultou a identificação deles. Atônitos, levaram a vítima até o delegado, que abertamente expressou: “tivera sorte, pois poderia ter sido pior, e de fato pior aconteceria se ele e outros crentes não deixassem aquelas fantasias e voltassem à igreja católica. Nesse caso, tudo voltaria bem”. Portanto, ficou claro que, mesmo sem infringir lei alguma, a perseguição religiosa elaborada pela igreja católica tinha o apoio do delegado do município, o que evidencia a busca por parte da instituição católica do controle político e social na região, resultando em violência.

O irmão Antônio e a irmã Marizete, assim como outros, seguem sua devoção no templo construído sob a tensão da intolerância religiosa por parte do radicalismo católico daquele tempo. Hoje, passados 30 anos, a pacificação é uma realidade, mas rememorar essas circunstâncias se faz necessário, pois creio que para além da constituição de sua identidade de luta, como do pequeno Davi, o não apagamento de sua história os ajuda a não incorrer no erro da intolerância religiosa ainda tão viva no tempo presente, no campo religioso brasileiro.

Considerações finais

A pesquisadora Véronique Boyer, em sua abordagem sobre a expansão evangélica na Amazônia brasileira, sinaliza que ostentar uma diferença religiosa pode ser entendido como um ato arriscado:

De fato, quando a religião preexistente reivindica o universalismo, exatamente como a que lhe vem fazer concorrência, o perigo não é menor do que quando essa última se opõe a cultos ditos pagãos. A divergência afirma-se aqui em nome de uma ligação ainda mais sincera com o Deus cristão, e essa profissão de fé soa como uma declaração de guerra (Boyer, 2021, p. 62).

Dito isto, partindo das memórias que a oralidade de alguns antigos moradores da vila de Juçateua e, principalmente, de membros da Assembleia de Deus Ministério Unção de Davi, no que concerne às circunstâncias de forte tensão no contexto de sua fundação, provocada pela intolerância religiosa por parte de alguns radicais, a qual, uma das entrevistada, que por muitos anos foi atuante na congregação (Natyara Braga, 2005) chama de “religiosos cegos”, visto que empregaram todo tipo de violência para impedir a presença da expressão religiosa pentecostal, vimos que a religião na vila de

Juçateua ficou submetida a um conflito de concorrência, uma vez que a religião, de forma consciente ou não, dentre outras coisas, pode ser tomada como mecanismo de controle social, daí justificando essa grande resistência do catolicismo na comunidade ao presenciar algo que pudesse, no porvir, ofuscar sua hegemonia política, social e religiosa em Juçateua. Aquilo que Max Weber (2004, p. 34) chama de “associação hierocrática”, caracterizada pela coerção psíquica via controle dos bens simbólicos de salvação, que é inevitavelmente tensionada pelo surgimento de novos hábitos religiosos. Como observado, historicamente esse processo desencadeia intolerância e acirra os embates entre católicos e protestantes.

Portanto, esta pesquisa buscou trazer, ainda que de forma compendiada, a História Oral de um conflito religioso muito comum naquele período, onde a expansão religiosa pentecostal enfrentou muita resistência na zona rural paraense, e na vila de Juçateua não foi diferente. Nesse sentido, a História Oral, como defende Paul Thompson (1992), pode dar grande contribuição para o resgate da memória do homem. É preciso que se preserve e valorize essa memória, pois a memória de um pode ser a memória de muitos, oportunizando evidenciar fatos coletivos, como foi o caso desse conflito que a pequena congregação assembleiana Ministério Unção de Davi viveu, rememorada por alguns depoentes e fundamentalmente pelo casal pentecostal do interior marapaniense, irmão Antônio e irmã Marizete.

Referências

- BERG, Daniel. *O enviado de Deus: memórias de Daniel Berg*. Fundador das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BOYER, Véronique. A comunidade católica e a congregação evangélica: duas interpretações de um mesmo modelo sociorreligioso. *Tempo da Ciência*, Toledo, v. 23, n. 45, p. 27-37, 2016.
- BOYER, Véronique. *Expansão evangélica e migrações na Amazônia brasileira: o renascimento dos perdedores*. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e protestantismo “histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.
- CANINDÉ, Francisco. *História do município de Curuçá no estado do Pará*. Tomo III. Período Vila Nova d’El Rey (1757-1833). Edição do autor, 2018.
- DAVID, Priscila. História Oral: metodologia do diálogo. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 157-170, 2013.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Aspectos históricos e econômicos de Marapanim-Nordeste paraense. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Nova Série Antropologia*, Belém, n. 67, p. 1-32, mar. 1978.

GAMA, Rafael da. “A heresia pentecostal”: embates, tensões e diálogos do pentecostalismo em Belém do Pará (1911-1931). *Revista Nures*, São Paulo, ano 11, v. 30, p. 1-16, maio./ago. 2015.

GAMA, Rafael da. *A praga do Pará: origem e crescimento do pentecostalismo assembleiano*. São Paulo: Diaconia, 2022

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. Católicos e protestantes: as religiosidades em disputa na Amazônia oitocentista (1850-1888). *Revista Nupem*, Campo Mourão, v. 14, n. 31, p. 213-229, 2022.

PANTOJA, Vanda. *Santos e Espírito Santo, ou Católicos e Evangélicos na Amazônia Marajoara*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UFPA, Belém, PA, 2011.

PANTOJA, Vanda. Amazônia terra de missão: bispos romanizadores e missionários protestantes na Belém do século XIX. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 13, n. 21, p. 95-122, 2012.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Sônia Maria do; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 6, p. 191-201, 2007.

SOUZA, João Gabriel Moraes de. Intolerância religiosa na Amazônia e os conflitos envolvendo protestantes e católicos na época da secularização do estado. *Complexitas*, Belém, v. 4, n. 2, p. 87-106, 2020.

TAVARES, Anderson Clayton Fonseca Tavares. *Protestantismo e maçonaria na Amazônia do século XIX: uma aliança enfraquecida pelo crucifixo*. 100. ed. São José dos Campos: Na Videira, 2019.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. v. 1. Brasília/São Paulo: Editora UnB; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

Fontes orais

BARBOSA, Francisco [nov. 2025]. Entrevistador: Rodolfo Moura. Marapanim, PA, 1 nov. 2025.

BRAGA, Natyara [30 anos]. [nov. 2025]. Entrevistador: Rodolfo Moura. Marapanim, PA, 10 nov. 2025.

DAMASCENO, Paulo [nov. 2025]. Entrevistador: Rodolfo Moura. Marapanim, PA, 1 nov. 2025.

NASCIMENTO, Débora [nov. 2025]. Entrevistador: Rodolfo Moura. Marapanim, PA, 1 nov. 2025.

SILVA, Antônio Rabelo [77 anos]. [out. 2025]. Entrevistador: Rodolfo Moura. Marapanim, PA, 31 out. 2025.

SILVA, Marizete Rabelo [59 anos]. [out. 2025]. Entrevistador: Rodolfo Moura. Marapanim, PA, 31 out. 2025.

Recebido em 16/11/2025

Versão final reapresentada em 26/03/2026

Aprovado em 28/03/2026

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: nada a declarar.